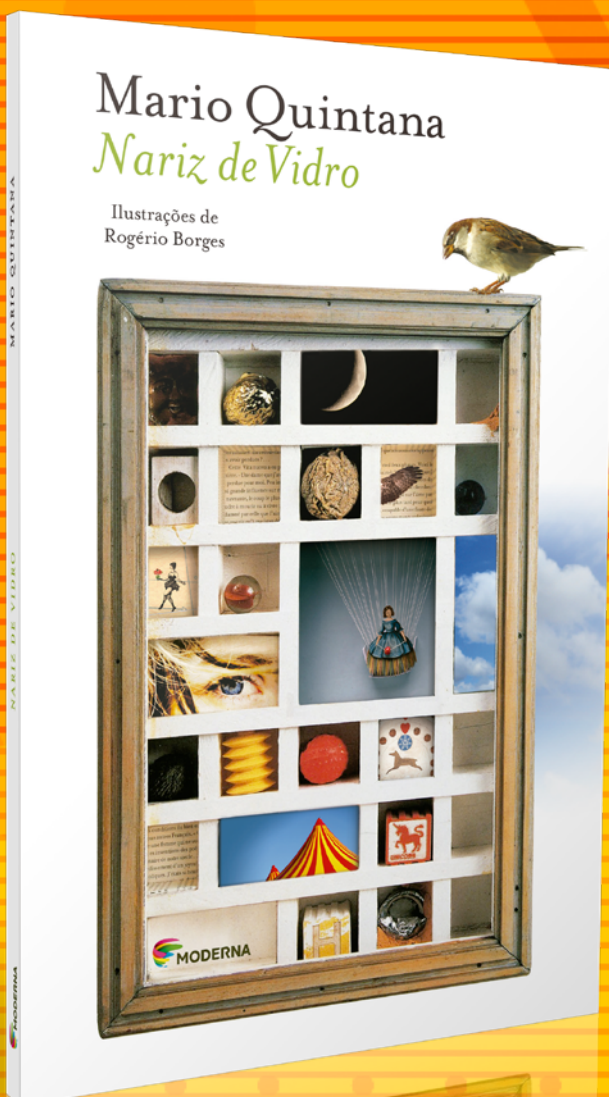


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

NARIZ DE VIDRO

MARIO QUINTANA

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ



 MODERNA

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **44**



CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **Nariz de vidro**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

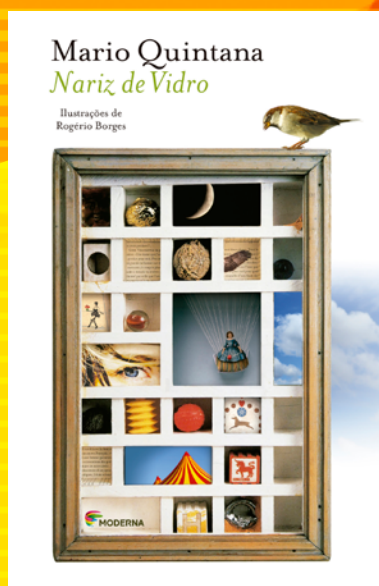


MARIO QUINTANA, O AUTOR DE NARIZ DE VIDRO

Mario Miranda Quintana nasceu em Alegrete, cidade do Rio Grande do Sul, no dia 30 de julho de 1906. Um vento muito frio que soprava na cidade deu boas-vindas ao menino que teimou em nascer antes do tempo. Até 1917, ficou em Alegrete, onde trabalhou na farmácia da família e completou seus estudos primários. Dois anos mais tarde, foi para o Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato. Ali começaram suas primeiras produções literárias. Em 1925, entrou no setor de literatura estrangeira da Livraria do Globo, na época, uma das mais ativas editoras do país. Em 1929, começou a escrever no diário gaúcho *O Estado do Rio Grande*. No ano seguinte, já estava publicando seus poemas na *Revista do Globo* e no jornal *Correio do Povo*.

A Revolução de 1930, liderada pelo político gaúcho Getúlio Vargas, entusiasmou o jovem Quintana, que foi para o Rio de Janeiro como voluntário do Sétimo Batalhão de Caçadores de Porto Alegre. Seis meses depois, regressou para a capital gaúcha, dedicando-se à tradução de clássicos franceses e ingleses, como Proust, Balzac, Voltaire, Maupassant, Virgínia Woolf e Charles Morgan.

O escritor morreu em 5 de maio de 1994, aos 88 anos. Entre suas obras destacam-se: *A Rua dos Cataventos* (1940), *Canções* (1945), *Sapato florido* (1947), poemas em prosa; *Espelho mágico* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950). Em 1962, reuniram-se suas obras em um único volume, sob o título *Poesias*. Outras obras: *Pé de pilão* (1968), *Apontamentos de História Sobrenatural* (1976), *Nova antologia poética* (1982), *O Batalhão das Letras* (1984).



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Poema

Áreas envolvidas: Língua

Portuguesa, Filosofia,
Sociologia, Arte.

Competências Gerais da BNCC:

2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural;
8. Autoconhecimento e autocuidado;
9. Empatia e cooperação

Temas: Inquietações das Juventudes;
A vulnerabilidade dos jovens;
Protagonismo juvenil;
Ficção, mistério e fantasia.

SOBRE A OBRA

A moça do arame, equilibrando a sombrinha, perturba o menino. Uma flor nasce, curiosa e ingênua. O idiota da aldeia tem *um surrão todo de penas cheio* e a aia despetala estrelas para embalar o sono do rei-zinho, *enquanto um anjo, todo molhado, soluça no seu flautim*.

Assim são estes poemas: *pássaros que chegam/ não se sabe de onde e pousam/no livro que lêis./Quando fechas o livro, eles alçam voo/ como de um alçapão*. Pequenos *flashes* da natureza, uma cena do cotidiano, um relato de amor-criança, esses poemas encantam jovens e adultos. Muita delicadeza, lirismo e nostalgia são as marcas desta coletânea, que traz para a sala de aula um autor consagrado, que merece ser conhecido por todos os brasileiros. Temas como a amizade, o amor, o sentido da vida podem estimular o jovem a falar, por meio de textos poéticos, de suas ideias e sentimentos.

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

PRÉ-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, consultar o sumário, ler a quarta capa, observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipografia e tamanho).
2. Apresente o livro à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *Nariz de vidro*, de Mario Quintana. Pergunte se já leram

algum livro desse autor, se o conhecem e se sabem algo sobre o assunto do livro. O conhecimento das características da produção literária de um autor também ajuda a construir expectativas a respeito da temática de um livro. Verifique se os alunos se apoiam nesse conhecimento para construir expectativas a respeito do livro.

3. Analise com os estudantes a capa do livro, feita pelo artista gráfico Victor

Burton. Convide-os a observar a imagem que ela traz. Questione: O que o quadro multifacetado diz a vocês? Conseguem formar algum sentido? Como essa imagem se articula com o título? Que elementos você consegue identificar? Verifique se seus alunos estabelecem essa relação.

E o título, *Nariz de vidro*, que pistas fornece sobre a leitura? O nariz é símbolo de perspicácia e discernimento mais intuitivo que racional. Órgão do faro, denuncia simpatias e antipatias, orientando os desejos, as palavras, os movimentos. Mas o que pode um nariz de vidro? Como ele é afetado pela fragilidade dessa matéria? Investigue o que os seus alunos imaginam que possa ser um *nariz de vidro*. Essa atividade, além de estimular a imaginação, certamente vai despertar maior interesse pela leitura.

4. Apresente aos alunos o sumário do livro. O que observam? Estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler. Pergunte se o título de algum poema lhes chamou a atenção e por quê.
5. Leia com os alunos a seção "Autor e obra" (p. 86), para que se aproximem um pouco mais do universo de Mario Quintana. Os estudantes provavelmente encontrarão informações que complementam os sentidos do que o autor conta em alguns poemas.
6. Explique aos estudantes que o texto que aparece na parte de trás do livro é chamado de texto de quarta capa. Peça a algum aluno que o leia em voz alta. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito dos textos e pergunte a eles quais são suas expectativas de leitura.

As **ATIVIDADES DE LEITURA** implicam a compreensão do conteúdo temático com a seleção das informações relevantes para a construção de uma síntese e para a checagem das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las, reformulá-las ou refutá-las.

1. Solicite aos alunos que, no decorrer da leitura, anotem as palavras e expressões que não conhecem e as pesquem no dicionário ou deduzam do próprio contexto em que aparecem. Alertos de que, de vez em quando, vão esbarrar com alguma palavra bem rara, como *esbarronda*, *gavroche* ou *hastil*. Peça que procurem descobrir seus sentidos primeiramente pelo contexto, depois com a ajuda do dicionário, se necessário.
2. Estimule os estudantes a verificarem se algumas das hipóteses levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas na leitura. Comente que comparar as hipóteses sugeridas pelo título com as escolhas do autor não é determinar o “certo” ou o “errado”, mas trabalhar com possibilidades. O leitor lê tendo em vista seus conhecimentos

- de mundo e sua experiência leitora, mas sua leitura apoia-se também nas pistas presentes no texto. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando dos poemas, se a leitura é prazerosa ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a perceber como o poeta trabalha a nostalgia e os afetos, fazendo deles matéria-prima para criar poemas repletos de lirismo, encantamento, ternura e memória.
3. Mario Quintana dedica alguns poemas a pessoas que, na maioria das vezes, não sabemos quem são. Peça aos alunos que, no decorrer da leitura, observem os poemas em que isso acontece e tentem descobrir quem são as pessoas e que relação há entre elas e o poeta. Comente que algumas são conhecidas, como os escritores Dyonelio Machado e Erico Verissimo.

As **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOLVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

1. Forme uma roda com a turma para conversar sobre a experiência de leitura que tiveram. Sabemos que ampliamos nosso repertório textual também com a contribuição de outros leitores. Estimule-os a falar com perguntas como: O que acharam do estilo de Mario Quintana? Quais são as principais características dos poemas desse autor? Qual dos poemas lidos mais os emocionou? Instigue-os a comentar e a justificar por que se identificaram com determinado poema, levando-os a analisar aspectos como os estéticos, os emotivos, os humanísticos, os éticos, os sociais, os psicológicos, entre outros.
2. Peça aos alunos que formem duplas para que cada dupla recite um soneto do livro. Como o soneto é uma forma fixa, composta de dois quartetos e dois tercetos, certamente, não terão dificuldades em localizá-los. A escolha é livre, podendo haver repetição dos poemas. Depois de recitarem, peça que expliquem para a turma por que escolheram aquele poema e que especificidades descobriram ao lê-lo e recitá-lo.
3. Em “Canção de muito longe” (p. 30), o poeta brinca com uma cantiga de roda entrecortando as palavras do primeiro verso com hifens e depois unindo algumas palavras. Pergunte aos alunos:

Que efeito você acha que ele quis causar com esse recurso? Que efeito causou em você? Explique que há uma tentativa do poeta de interferir no ritmo do poema, ora tornando os versos mais compassados, quando usa os hifens, ora acelerando o ritmo das frases, ao unir palavras.

4. Peça aos alunos que tentem imaginar quem é Maria Helena, que pediu ao poeta “uma história bem romântica”, que resultou no poema “Um dia acordarás” (p. 35). Seria uma admiradora? Uma amiga? Um amor do poeta? Peça também que tentem intuir porque o pedido foi atendido com esse belo poema. Que sentimentos teriam mobilizado Mario Quintana a escrevê-lo? Necessidade de ser benquisto, ou de se comunicar? Encantar Maria Helena, fosse ela quem fosse? O que a relação com essa suposta leitora nos informa sobre a forma como um poeta encara a vida, sua visão de mundo, suas expectativas, suas alegrias e tristezas? Que atributos da existência ele valoriza e que aspectos relega a segundo plano?
5. Questione os estudantes sobre que imagem Mario Quintana passa por meio de seus poemas. Parece alguém alheio à vida prática, distante das questões do dia a dia com a qual as pessoas normalmente se preocupam, reforçando

a imagem do senso comum de que os poetas andam com a cabeça nas nuvens? Ou, pelo contrário, sua poesia revela uma preocupação constante com a vida, ainda que subjacente a seus versos? Em outras palavras, em que consiste o olhar poético de Mario Quintana? Peça que os alunos respondam exemplificando com algum poema ou verso.

6. Comente com os alunos que um aspecto que o poeta revela quando se associa ao tempo é a sensação angustiante de que a vida passou muito rapidamente, como no poema “Recordo ainda...”:

“Eu quero os meus brinquedos
[novamente!

Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de
[repente!...” (p. 42)

Nesse poema, Mario Quintana também faz referência a “um vento de Desesperança”, que teria demarcado o fim de sua infância ou adolescência e instaurado a vida adulta, com todas as suas adversidades.

Pergunte aos alunos: Na sua opinião, por esse poema e por outros em que ele fala do passado, Mario Quintana se revela um homem satisfeito com a vida que viveu? Ou parece alguém que se ressentido do tempo passado, ainda que tenha vivido intensamente? Peça aos alunos que expliquem suas respostas.

7. Chame a atenção dos alunos para este verso do poema “O peregrino malcontente” (p. 46):

“O santo desapareceu!

Mas como? Não sei! Desapareceu
[bem, ali, diante dos nossos olhos que a
[terra já comeu!”

Problematize o tempo verbal usado pelo poeta para o verbo *comer*. Pergunte aos alunos sobre a razão pela qual, em vez de usar o tempo habitual com que essa frase é proferida no senso comum – “que a terra há de comer” –, uma vez que, obviamente, quem a profere está vivo, o poeta preferiu subverter seu sentido lógico e escreveu “que a terra já comeu!”? Instigue-os a criar hipóteses sobre as intenções do poeta. Comente que ela faz sentido para nós, que sabemos que o poeta já é falecido. Mas, e quanto aos que leram esse poema quando ele ainda era vivo? Teria Mario Quintana tido um vislumbre da eternidade?

8. Peça aos alunos que releiam estes versos do poema “Seiscentos e sessenta e seis” (p. 48):

“Quando se vê, já são 6 horas: há
[tempo...

Quando se vê, já é 6ª feira...

Quando se vê, passaram 60 anos...”

Pela escolha das palavras, que não são casuais, questione os alunos sobre como podemos interpretar cada um dos versos. Leve-os a perceber que uma interpretação possível é relacionar cada verso a uma etapa da vida. Argumente, por exemplo, que a expressão “há tempo” pode querer indicar que o primeiro verso se refere aos primeiros anos da vida, aqueles em que “há tempo”, em que tudo está por viver.

9. Depois de solicitar aos alunos que releiam o poema “A canção da vida”

(p. 84), pergunte a eles a que fase da vida o poeta parece se referir, orientando-os a usar elementos do próprio poema para elaborar a resposta. Outra possibilidade é comparar esse poema com o poema "Inscrição para uma lareira" (p. 85). De que tratam os dois poemas? O que há em comum entre eles?

10. A partir do levantamento das palavras "estranhas" que fizeram no decorrer da leitura, proponha uma brincadeira: cada um deve procurar no dicionário uma palavra que considere absolutamente estranha. Copie todas as palavras na lousa, sem revelar o que significam. A tarefa é escrever um poema com

elas. Obviamente, o resultado trará frases sem sentido, mas provavelmente sonoras e engraçadas. A ideia é trabalhar com o significante, ou seja, a palavra despida de seu significado.

11. Pergunte aos alunos: Que sentimento enleva o espírito do eu poético no poema "Canção de garoa" (p. 31)? Ele está triste, alegre ou conformado com o andamento do mundo?
12. Organize um concurso de declamação de poemas. Divida a classe em grupos e proponha a cada um que crie uma maneira particular de declamar um poema ou mesmo uma série deles. Deixe-os à vontade para usar fantasias, músicas e outros recursos cênicos.

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os contamina dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

PRÉ-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

FILOSOFIA

Antecipe aos alunos que um dos temas mais frequentes nos poemas de Mario Quintana é a memória, a sensação do tempo passado que parece sempre melhor do que o tempo presente. Como sensibilização para a leitura, proponha uma reflexão dos alunos sobre o significado da memória para uma pessoa, um bairro, uma cidade, um país. Questione-os: Qual é a importância da memória para os seres humanos? Quais são as formas pelas quais a memória pode ser preservada em uma sociedade? Quais são os riscos do esquecimento individual e coletivo?

As **ATIVIDADES DE LEITURA** IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHEGAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

1. **FILOSOFIA** Peça aos alunos que releiam o poema “Cadeira de balanço” (p. 70) e troquem ideias entre eles sobre de que modo o poeta trata o tempo nesse poema.

2. **FILOSOFIA** Diga aos alunos que uma característica bastante palpável dos poemas de Quintana é o desejo de alcançar a essência das coisas. Despi-las de seu entorno e de seus significantes para encontrar o seu sentido, o seu significado. Chame a atenção para o poema “A noite grande” (p. 45), por exemplo, em que esse aspecto é bastante forte. Peça aos alunos que identifiquem em que versos essa característica do poeta se mostra mais clara e em quais outros poemas esse desejo também está presente. Depois pergunte: Por que os poetas

têm essa predisposição para buscar a essência das coisas? O que os alunos imaginam que fez nascer em Mario Quintana – bem como na maioria dos poetas – essa vocação para buscar as coisas além das coisas?

3. **SOCIOLOGIA** No poema “O peregrino malcontente” (p. 46), há uma oposição entre a ideia de um santo e a ideia de Deus. Indague aos alunos: O que podemos depreender dessa oposição? Que críticas elas dirigem às práticas e aos costumes religiosos? Que sinais o poeta emite sobre a sua religiosidade? Sobre essa última pergunta, informe que eles podem ler também os poemas “Se eu fosse um padre” (p. 52) e “Tudo tão vago...” (p. 58) para ampliar a visão a respeito desses aspectos em Mario Quintana.

ou observou uma bailarina qualquer, sendo os versos uma reverberação dos registros em sua memória? Lembre-os de que não podemos ter certeza de nada, mas podemos criar suposições e, assim, nos aproximar da compreensão do processo de criação de Mario Quintana.

6. **LÍNGUA PORTUGUESA** Com base no poema "O baú" (p. 69), solicite aos alunos que escrevam um texto memorialístico de mais ou menos 20 linhas com o título: *O meu baú de espantos*.
7. **LÍNGUA PORTUGUESA** "Recordo ainda..." (p. 42) e "O dia abriu seu para-sol bordado" (p. 43) são sonetos. Na parte "Propostas de Atividade 1", os alunos já tiveram oportunidade de trabalhar com sonetos, mas, de qualquer maneira, reforce com eles as características dessa forma de composição poética e apresente-lhes outros sonetos, como os de Vinicius de Moraes, a título de comparação e de ampliação de seu conhecimento do mundo da poesia.
8. **LÍNGUA PORTUGUESA** Comente com os estudantes que, entre alguns poemas de Mario Quintana, o eu lírico, ou o eu poético, ou seja, a voz que diz o poema, assume uma imagem muito distante do autor; em outros, porém, o eu lírico se confunde com o autor, pela proximidade dos temas ou pelas evidências biográficas em relação àquilo que sabemos da vida do poeta. Peça aos alunos que identifiquem dois poemas de cada caso e expliquem em que consistem o distanciamento e a proximidade entre o autor e o eu poético.
9. **LÍNGUA PORTUGUESA** Solicite aos estudantes que, em duplas, pesquisem

o que é uma elegia. Feito isso, peça que digam qual é o sentido dos apontamentos para uma elegia feitos no poema "Apontamentos para uma elegia" (p. 54) e o que há de elegia no poema "Uma simples elegia" (p. 57). Como inspiração para a pesquisa, sugira que ouçam a canção "Elegia", de Péricles Cavalcanti e Caetano Veloso.
Disponível em: <<http://mod.lk/elegia>>.

10. **LÍNGUA PORTUGUESA** Solicite aos alunos que, em duplas, façam uma análise do poema "Canção da primavera" (p. 60). Informe que a análise deve trazer as seguintes informações (além de outras que eles julgarem pertinentes): Quantas estrofes há no poema? Como se chamam essas estrofes? Quantos versos há nas estrofes? Que tipos de rimas o poema contém? Por fim, pergunte: De que modo a escolha da forma do poema se relaciona com o sentido que ele produz?
11. **LÍNGUA PORTUGUESA** No poema "Minha rua" (p. 23), Mario Quintana escreve:
"Minha rua está cheia de pregões.
Parece que estou vendo com
[os ouvidos]."
Indague aos alunos: Vocês sabem o que é um pregão? Conseguiram depreender do contexto da estrofe? Há pregões na rua de vocês? Quais são? Comente que o poeta também cita os pregões em outro poema: "É a mesma ruazinha sossegada" (p. 34).
Por fim, indague: Como vocês imaginam que é "ver com os ouvidos", expressão usada por Quintana no poema?
12. **FILOSOFIA** O poema "O adolescente" (p. 8) dialoga em alguns aspectos com o Mito da Caverna, de Platão. Peça aos

alunos, se possível, que busquem um texto adaptado do Mito da Caverna na internet e digam que semelhanças de sentido há entre os dois textos.

13. **SOCIOLOGIA** Questione os estudantes sobre qual crítica social há no “Poema de circunstância” (p. 26). Solicite que especifiquem em que verso(s) essa crítica se evidencia e a que fato ela é dirigida.
14. **ARTE** No poema “Os dois gatos” (p. 62), Quintana explora os contrastes entre os dois bichanos. Comente que os contrastes estão muito presentes na arte, seja nas antíteses de um poema (como é o caso) ou de uma letra de música, nos claro-escuros de uma pintura, nas atonalidades de uma melodia, nas contradições entre dois personagens etc., sendo um elemento importante para os artistas alcançarem os efeitos que desejam em suas obras. Com base nessa informação, peça aos alunos que se organizem em grupos para uma pesquisa sobre o contraste nas artes. Eles podem relacionar os vários gêneros de arte cujos contrastes pretendem pesquisar e sortear quais grupos pesquisarão qual tipo de arte, para que, no final, tenham um painel do contraste nos mais diversos gêneros artísticos. Sugira que a pesquisa apresente não apenas a parte escrita, mas que tragam imagens impressas para a sala de aula, para ilustrar e embasar seus trabalhos.
15. **ARTE** Os poemas “Canção da aia para o filho do rei” (p.28) e “Canção de garoa” (p.31) sugerem mesmo canções, pois trazem rimas e são escritos em redondilhas (versos de 7 sílabas), métrica

preferida do nosso cancionero popular. Proponha que cantem um dos poemas, inventando uma melodia, ou usando uma já conhecida, como *Terezinha de Jesus* ou *Ciranda, cirandinha*.

16. **ARTE** Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que se relacionam de algum modo com o universo poético de Mario Quintana – os comentários sobre elas estão nas Sugestões de Referências Complementares deste encarte. Elas podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática: a) podem servir de tema de produção de textos, na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra; b) podem ser objeto de discussão em sala de aula; c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre algum tema explorado no livro. Em todos os casos, é fundamental que os estudantes tragam de casa a letra da canção impressa ou copiada. Instigue-os a buscar informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados. As canções estão divididas por temas, para facilitar o uso didático delas.

O tempo

Oração ao tempo, de Caetano Veloso.

Disponível em: <<http://mod.lk/oracao>>.

Força estranha, de Caetano Veloso com Gal Costa.

Disponível em: <<http://mod.lk/forcaest>>.

Sobre o Tempo, com a banda Pato Fu.

Disponível em: <<http://mod.lk/sobreo>>.

Trem-bala. De Ana Vilela com Ana Vilella.

Disponível em: <<http://mod.lk/trembala>>.

Memória

Ituverava, de Ivan Lins e Vítor Martins.

Disponível em: <<http://mod.lk/ituverav>>.

Fazenda, de Milton Nascimento e Wagner Tiso.

Disponível em: <<http://mod.lk/milton>>.

Fantasia

Oração, de Leo Fressato com A banda mais bonita da cidade.

Disponível em: <<http://mod.lk/abanda>>.

Bandolins, com Oswaldo Montenegro.

Disponível em: <<http://mod.lk/bandolin>>.

João e Maria, de Chico Buarque com Nara Leão nos vocais.

Disponível em: <<http://mod.lk/joaoemar>>.

Afetos

Valsa para uma menininha, de Vinicius de Moraes e Toquinho.

Disponível em: <<http://mod.lk/valsapar>>.

Irene, de Caetano Veloso.

Disponível em: <<http://mod.lk/irene>>.

Desencanto

Felicidade foi embora, de Lupicínio Rodrigues com Caetano Veloso.

Disponível em: <<http://mod.lk/felicida>>.

Religiosidade

Romaria, de Renato Teixeira.

Disponível em: <<http://mod.lk/romaria>>.

17. **ARTE** Promova, se for possível, uma sessão de cinema em sala de aula com o filme *Caramujo flor*, que dialoga com alguns dos temas do universo de Mario Quintana, entre eles a nostalgia, a memória e a poesia. Você pode também solicitar aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em grupos, na casa de algum deles, para a realização da sessão. Estimule-os a buscar informações sobre o diretor e os atores, sobre a história e seu contexto, traçando paralelos com os poemas do poeta gaúcho.

Caramujo flor. (Brasil, 1988)

Documentário. Direção de Joel Pizzini.

Filme sobre o poeta Manoel de Barros construído sobre uma livre colagem de fragmentos, entrevistas e imagens do poeta e de lugares significativos de sua trajetória. Com a recusa de Manoel de Barros de aparecer na tela, o diretor teve de inovar na linguagem, valorizando os contornos, as sonoridades e os critérios linguísticos eleitos por ele na construção de sua poética.

18. **LÍNGUA PORTUGUESA** Aproveite os três vídeos sugeridos a seguir para criar atividades com os alunos sobre os poemas de Mário Quintana. As atividades podem ser variadas: desde uma sessão em sala de aula com os vídeos, para que os alunos tomem contato com poemas do poeta gaúcho declamados por atores diferentes, ou uma atividade sobre um dos poemas declamados, até uma experiência com a turma para que observem os recursos expressivos dos atores ao dizer os poemas. Você pode ainda pedir uma produção textual aos estudantes sobre um dos poemas recitados, bem como usar um dos vídeos como sensibilização ou inspiração para uma atividade específica sobre o livro de Quintana.
- Seiscentos e sessenta e seis*, declamado por Antonio Abujamra. Programa Provoações. TV Cultura. s.d.
Duração 1min26s.
Disponível em: <<http://mod.lk/antonio>>.
- Mario Quintana*, por Miguel Falabella.
Duração: 38s.
Disponível em: <<http://mod.lk/miguel>>.
- Velha história*, declamado por Paulo José.
Disponível em: <<http://mod.lk/velhahi>>.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

POEMA

Convivemos com os poemas desde os primeiros anos de vida. As cantigas de ninar, as quadrinhas infantis e as cantigas de roda que ouvimos e repetimos em criança nada mais são do que versos ritmados ou embalados por uma melodia. Ajudam-nos a dormir quando somos bem pequenos, ao mesmo tempo que nos apresentam o encantamento do qual não temos consciência, mas que já são internalizados em nós. Não precisamos compreender o sentido dos versos, nem mesmo das palavras de que são compostos. Precisamos apenas nos levar pela sensação prazerosa de proteção e segurança que nos passam.

Isso basta para que estejamos inseridos no mundo simbólico e complexo do pensamento, das palavras, da linguagem, que é exclusivo do ser humano. Tudo o que vem depois – educação dos pais, educação escolar, socialização – será um aprimoramento e um cultivo, no nível que desejarmos, dessa semente humana que nos foi plantada por meio dos primeiros poemas e jogos de linguagem com os quais temos contato.

Cultivada desde tempos imemoriais e formalizada na Antiguidade, ainda que de forma incipiente, a poesia era apresentada na forma de canto, ao som de uma lira – instrumento musical de cordas –, de onde surgiram os termos *lírico* e *lirismo*. A poesia, portanto, nasceu como gênero oral, levando um bom tempo para tornar-se como é hoje, uma forma literária que, na atualidade, é mais lida do que recitada – embora os *saraus* de poesia e os *slams*, nos quais se recitam poemas, tenham mantido a sua força entre os devotos da literatura oral em versos.

A principal característica desse gênero é a subjetividade, por meio da qual o eu poético – ou eu lírico – expressa suas emoções e sentimentos, com o emprego de elementos próprios da poesia, como o verso, a estrofe, o ritmo, a rima, entre outros. Uma distinção importante que se deve fazer é entre o eu poético e o autor dos poemas. O eu poético de Mario Quintana, por exemplo, não é o autor físico Mario Quintana, embora eles possam ter pensamentos e características comuns. O eu poético é um personagem criado pelo autor de carne e osso. Ele pode personificar um animal, um ser inanimado, um sentimento, uma ideia.

Outra distinção importante, embora não se deva levá-la a ferro e fogo, é entre os termos *poesia* e *poema*. Poema é um texto composto de versos. Em geral, contém poesia, ou seja, a subjetividade de quem o escreveu, mediante os recursos próprios do fazer poético. Se é boa poesia ou má poesia, dependerá do gosto e da sensibilidade de cada leitor. Ou de seu repertório de leitura. Os críticos literários, em geral, possuem um vasto repertório e são os mais abalizados para julgar se um poema é consistente literariamente ou não. Mas para o leitor médio, o que vale é a carga de emoção que um poema pode transmitir.

Já poesia é um conceito bem mais amplo. Pode haver poesia nos poemas, e em geral há. Mas pode haver poesia também em um passo de dança, em um filme, em uma tirinha de jornal, em uma escultura, em um cenário teatral, em uma fotografia. E, saindo do âmbito artístico, podemos ver poesia em um pôr de sol, em uma rua deserta, no timbre da voz de uma pessoa, na beleza plástica de um gol em um jogo de futebol. Essa capacidade de ver poesia nas coisas só é possível porque somos humanos e atribuímos sentidos estéticos às coisas.

A Semana de 1922, em São Paulo, foi decisiva para que o Brasil começasse a ter uma produção poética que tivesse a sua “cara”, falasse das suas coisas e refletisse a sua realidade. Poetas como Oswald de Andrade e Mario de Andrade, que estavam à frente desse movimento, entre outros artistas, têm muita participação na forma como criamos e lemos poesia hoje no Brasil. A eles se seguiram outros tantos poetas no século XX, que consolidaram um jeito brasileiro de escrever poesia, que reflete um jeito todo nosso de viver, de falar, de agir. Entre esses poetas, destacam-se Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Cecília Meirelles, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, Ferreira Gullar, Adélia Prado, Mario Quintana, entre outros.

Em geral, conhecemos os poemas em versos. Na década de 1950, porém, um movimento literário nascido no Brasil – embora tenha tido influência de poetas de fora – criou uma forma original de fazer poesia, que, por sua vez, passou a influenciar poetas do exterior. Trata-se da poesia concreta, que, inspirada nas artes plásticas, rompeu com o modelo do verso linear e passou a fazer poemas de diversas formas, usando a palavra não apenas pela sua semântica, mas pelo formato que se poderia criar com ela, quase como se o poeta fizesse um desenho com as palavras. Desde então, os poemas têm assumido diversos formatos, usando e abusando das novas ferramentas que as tecnologias têm proporcionado. O poema em verso, no entanto, este continua firme, sendo o preferido entre os leitores de todos os gostos e todas as idades.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Comente com os alunos que a história da literatura mostra que a produção poética tem se alternado ao longo do tempo: ora predomina um movimento que valoriza a forma, ora predomina um movimento que valoriza o conteúdo, em geral de engajamento social. Pergunte, inicialmente, se isso faz sentido para os alunos. Dê a eles o exemplo do parnasianismo, movimento poético para o qual era mais importante a forma do poema do que o seu conteúdo. Em outras palavras, *grosso modo*, para os parnasianos, o conteúdo servia quase somente para preencher a forma. Já para o movimento modernista, que em sua fase heroica tinha um objetivo claro, romper com os modelos exportados que ainda influenciavam a literatura brasileira na poesia e na prosa, o conteúdo era bem mais importante do que a forma. Embora poetas modernistas como Oswald de Andrade tenham inovado na estrutura de seus poemas, chamavam mais a atenção em sua poética as mensagens panfletárias que emitiam, que buscavam quebrar paradigmas temáticos. Complemente dizendo que ser mais formal ou mais conteudista não implica instâncias estanques, havendo poetas que fazem as duas coisas ao mesmo tempo, como os do movimento concretista, iniciado nos anos 1950, que, ao romper com o padrão do verso linear, não se furtaram a tratar de temas sociais e políticos em seu trabalho.

Com base nessa explicação, questione os alunos: Como se situa a poesia de Mario Quintana: ela se preocupa mais com a forma ou com o conteúdo? Peça que expliquem suas respostas.

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Solicite aos alunos que voltem ao poema “O mudo passeio do Doutor Quejando” (p. 50) e prestem atenção à aparente gratuidade da história e ao “aspecto narrativo” do poema, que lembra um conto. Peça que identifiquem os “elementos narrativos” desse poema, como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Peça ainda que digam qual é o seu “foco narrativo”. Ao final, indague: Por quê, então, não o chamamos logo de conto, em vez de poema? (Comente que essa mesma análise pode ser feita com os poemas “Os dois gatos” (p. 62) e “Poema da gare de Astapovo” (p. 74), que também têm uma estrutura que lembra uma narrativa.)

Complemente a atividade agregando à análise o poema seguinte, “Anotação que não coube no poema anterior” (p. 51), que consiste em um dístico (poema de dois versos). Pergunte: O que este poema acrescenta ao poema anterior? Qual foi a intenção do poeta ao dar uma sobrevida ao poema com dois versos que, aparentemente, nada têm a ver com os versos do poema anterior? E por que o eu poético afirma que o Doutor Quejando “amava apaixonadamente os gerúndios”?

3. **FILOSOFIA** Em vários poemas de Mario Quintana, a questão do tempo é fundamental. Em muitos deles, o eu poético passa a sensação de voltar a lugares antigos e constatar, com algum pesar, o que o tempo fez deles, como em “É a mesma a ruazinha sossegada” (p. 34). Peça que reparem, nesse poema, como há um desalento nos versos diante da inevitabilidade do passar inexorável do tempo. Instigue os alunos a observarem essa mesma sensação em outros poemas. E indague: Apesar do lamento pelo tempo fugidio, vocês têm a impressão de que o tempo vivido pelo poeta passa mais devagar do que o tempo de hoje em dia, vivido por nós? Se concordam, expliquem por que acham que isso acontece? Se não concordam, justifiquem essa opinião. Por fim, questione: O advento das tecnologias digitais da informação nos transmite, atualmente, a sensação de que o tempo passa mais rápido do que há algumas décadas? Mas, afinal, não estamos falando do mesmo tempo? Que efeito psicológico é esse, que funciona como um filtro, ora acelerando o tempo, ora tornando-o mais lento? Ou serão os eventos sociais e existenciais que vivemos que interferem em nossa percepção do tempo?

4. **FILOSOFIA** No poema “De gramática e de linguagem” (p. 36), o eu lírico do poema sugere que dá preferência às coisas, àquilo que não tem vida, e que, por não ter vida, não incomoda ninguém. Ele parece não admirar os humanos, como João, porque ele é humano – e por ser humano, acarreta problemas. Questione os alunos: Por que muitas pessoas têm essa mesma impressão do eu lírico desse poema? Será que Mario Quintana pensa mesmo assim? O conjunto dos poemas do livro confirmam essa visão? Comente ligeiramente que muitas pessoas preferem o convívio com animais de estimação, por exemplo, ao convívio com seres humanos. Por que acham que elas têm essa predileção? O que as incomoda nos humanos? Aprofunde a questão, perguntando: De onde se origina essa complexidade dos seres humanos? Não estaria exatamente nela a nossa beleza e a nossa singularidade como espécie? O que seria de nós, seres humanos, sem as nossas contradições, as nossas dúvidas, as nossas incompletudes? O contato com o outro não teria, assim, a função de nos completar, de nos fazer enxergar no outro o manancial de riqueza e conhecimento que daria sentido às relações sociais, sem ignorar que os conflitos também são inerentes ao contato entre as pessoas?

PARA O ALUNO

LIVROS

BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

Obra fundamental do poeta das coisas pequenas do cotidiano, aquelas que vivem ao rés do chão, consideradas desimportantes, mas que, na escrita delicada e precisa do poeta, sob o crivo de seu olhar ávido de minúcias, subvertem a escala espacial e assumem dimensões fabulosas.

BILAC, Olavo. *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

Seleção de poemas do poeta parnasiano Olavo Bilac, que sobrevive ao tempo e às vanguardas literárias pela qualidade de seus poemas, que continuam cativando leitores de todas as idades.

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Melhor poeta da geração dos anos 1970 e 1980 (também conhecida como a “geração mimeógrafo”), Paulo Leminski transitou entre a poesia concreta e a poesia lírica, conciliando a construção formal e o coloquialismo, no qual pontuavam o bom humor, o *pop* e o improvisado.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Global, 2014.

Publicado em 1964 (ano da morte de Cecília), trata-se de um clássico da poesia infantil brasileira. Ao longo das páginas, a poeta brinca com as palavras, explora as sonoridades, os ritmos, as rimas e a musicalidade das palavras, permeando os poemas com perguntas imprevisíveis, monólogos, comparações incomuns, fantasia e imaginação

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. São Paulo: Global, 2015.

Os poemas deste livro formam um longo poema, lírico e épico ao mesmo tempo, que recria a conspiração revolucionária dos poetas mineiros e conta a história de Tiradentes, considerado mártir da Inconfidência Mineira.

MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Companhia de Bolso)

Essa antologia mostra a habilidade poética de Vinicius de Moraes, poeta, compositor e cantor, em poemas que mesclam o erudito com o popular, fazendo dele um dos poetas mais lidos e mais amados por várias gerações de leitores.

PAES, Jose Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Conhecido como o mestre da epigrama (poema curto com uma atenta observação do mundo), poeta que fez da concisão e da dúvida

seu método poético, José Paulo Paes é uma ótima leitura para jovens leitores que desejam conhecer a simplicidade e a sofisticação de uma poesia eminentemente moderna.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Essa antologia traz os temas habituais da mineira Adélia Prado: a alma humana e os sentimentos femininos, a perplexidade e o Encanto diante das coisas, a fé cristã, a vida cotidiana, por meio de uma linguagem simples, feminina e tomada de paixão pela vida.

QUINTANA, Mario. *Poemas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

Seleção de poemas de um dos mais populares do Brasil, que soube unir simplicidade com o que há de universal nas coisas cotidianas em formas tão diversas como sonetos, canções, quadras, poemas livres, poemas em prosa, aforismos, trabalhados para exprimir um lirismo leve e tocante.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Poesia reunida*. v. 2 (1965-1999) e v. 3 (2005-2011). Porto Alegre: L&PM, 2014.

Poeta, cronista e ensaísta, o mineiro Affonso Romano de Sant'Anna é uma espécie de último representante de uma brilhante geração de poetas, que teve Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Mario Quintana e Ferreira Gullar como seus legítimos representantes, destacando-se por uma voz atenta e contundente sem perder o afeto.

CANÇÕES ↘

Oração ao tempo, de Caetano Veloso.

Mistura de homenagem e oração em que o compositor conversa com o tempo, considerando todas as nuances dessa entidade conceitual tão banalizada no dia a dia, sem que perca a sua aura de mistério, que costuma fugir do alcance da nossa compreensão.

Disponível em: <<http://mod.lk/oracao>>.

Força estranha, de Caetano Veloso com Gal Costa.

Mais uma canção em que o compositor Caetano Veloso filosofa sobre o tempo, fazendo observações metafóricas e metafísicas sobre ele e relacionando-o a uma força estranha, que o faz uma entidade única, cuja ação foge à nossa compreensão ("o tempo não para e, no entanto, ele nunca envelhece").

Disponível em: <<http://mod.lk/forcaest>>.

Ituverava, de Ivan Lins e Vítor Martins.

Canção em que o compositor Vítor Martins evoca momentos indeléveis de sua infância, passada na cidade paulista de Ituverava, em uma letra impregnada de lirismo e nostalgia que resgata o menino que ele foi.

Disponível em: <<http://mod.lk/ituverav>>.

Sobre o Tempo, com a banda Pato Fu.

A letra simula uma conversa com o tempo em linguagem adolescente, levando em conta aspectos característicos dele, como a passagem inexorável, a aparente intimidade que temos com o tempo ("tempo, tempo, tempo, mano velho...") e o seu caráter finito para nós, humanos ("só me interrompa no final").

Disponível em: <<http://mod.lk/sobreo>>.

Trem-bala, de Ana Vilela.

A cantora paranaense, até então desconhecida, roubou a cena musical em 2017 ao ver sua canção viralizar na internet. Por meio de versos simples, a canção cria uma primorosa metáfora da velocidade da vida com a velocidade de um trem-bala.

Disponível em: <<http://mod.lk/trembala>>.

Fazenda, de Milton Nascimento e Wagner Tiso.

Canção-memória em que os compositores resgatam momentos de sua infância e os transportam para o momento presente, no qual outras crianças viverão aquilo que eles viveram, no eterno ciclo do tempo.

Disponível em: <<http://mod.lk/milton>>.

Oração, de Leo Fressato com A banda mais bonita da cidade.

Canção em que o lirismo e o romantismo predominam, cantada em forma de uma oração elíptica, na qual se celebram a amizade, o amor, a empatia, o *nonsense* e a comunhão entre as pessoas.

Disponível em: <<http://mod.lk/abanda>>.

Bandolins, com Oswaldo Montenegro.

Pungente canção que parece sair do tempo e nos transportar para um momento de sonho e magia, de nostalgia e memória, por meio de uma letra curta e simples que se rodopia em torno de si mesma tendo como fundo um arranjo sofisticado em que pontua o som dos bandolins.

Disponível em: <<http://mod.lk/bandolin>>.

João e Maria, de Chico Buarque com Nara Leão nos vocais.

Em clima de “era uma vez”, o eu poético da canção fala de um amor perdido e lamenta os momentos mágicos da relação, como se sua história de amor tivesse sido um conto de fadas inebriado de paixão e magia.

Disponível em: <<http://mod.lk/joaoemar>>.

Valsa para uma menina, de Vinicius de Moraes e Toquinho.

Tocante letra do poeta Vinicius de Moraes musicada por seu parceiro Toquinho, feita pelo poeta para sua filha (“uma coisinha assim começando a crescer”), com um toque de melancolia existencialista (própria do poeta) por saber que a menina crescerá e conhecerá a realidade da vida.

Disponível em: <<http://mod.lk/valsapar>>.

Irene, de Caetano Veloso.

Canção dos anos 1960 na qual o compositor baiano celebra a alegria pura e simples, mimetizada na risada de Irene e na gratuidade dos versos que se repetem como se não houvesse passado nem futuro, apenas o momento presente.

Disponível em: <<http://mod.lk/irene>>.

Felicidade foi embora, de Lupcínio Rodrigues com Caetano Veloso.

Regravação de Caetano para uma antiga canção do compositor gaúcho Lupicínio Rodrigues, a canção tem um toque de melancolia que lembra alguns versos de Mario Quintana no que eles têm de nostalgia e culto ao tempo e ao pensamento.

Disponível em: <<http://mod.lk/felicida>>.

Romaria, de Renato Teixeira.

A canção dá voz a um eu poético solitário e desalentado que, em forma de oração, conversa com os seus entes sagrados, conta um pouco de sua história e pede, sugerindo uma fé destituída de qualquer formalidade, “paz nos desaventos”, ainda que não saiba rezar.

Disponível em: <<http://mod.lk/romaria>>.

VÍDEOS

Velha história. Direção: Cláudia Jouvin. Batoque films e Universidade Estácio de Sá. Narração Marco Nanini. Duração: 5min28s.

Poema de Mario Quintana que conta a história da amizade entre um homem e um peixinho.

Disponível em: <<http://mod.lk/velhahis>>.

ARTIGOS

ARGOLO, André. Enquanto o tempo sou eu. *Rascunho*, edição 212, dez. 2017.

Entrevista com o crítico literário inglês James Wood, radicado desde os anos 1990 nos Estados Unidos, autor de *Como funciona a ficção* e de *A coisa mais próxima da vida*, professor na Universidade de Harvard e ensaísta da revista *The New Yorker*, na qual ele mostra sua definição de engajamento na literatura e salienta seu comprometimento com o presente (“somos este tempo aqui, não outro”), em respostas carregadas de citações eruditas e literárias, que transformam a entrevista em uma aula magna sobre literatura, tempo e escritores.

Disponível em: <<http://mod.lk/andrear>>.

PARA O PROFESSOR

LIVROS

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Transcrição de seis palestras proferidas pelo escritor e poeta argentino Jorge Luis Borges na Universidade de Harvard, entre 1967 e 1968, nas quais ele comenta os aspectos da produção literária, como a metáfora, a poesia épica, as origens do verso, o sentido na poesia. A obra se constitui em uma introdução a quem está descobrindo os prazeres da leitura.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. João Alexandre Barbosa e Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Série Debates: Crítica)

A obra apresenta dezoito ensaios que discorrem sobre gêneros literários, o romance, o poema, o surrealismo, o fantástico, o estranhamento do ficcionista diante do mundo, entre outros.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 2013.

Ensaio de literatura comparada publicado em 1934 no qual o poeta Ezra Pound classifica a poesia como fanopeia, melopeia ou logopeia, de acordo com seu enfoque na imagem, no som ou no pensamento, e mostrando ao leitor como desenvolver uma mente crítica por meio da literatura.

ENTREVISTAS

Entrevista com Mario Quintana (em vídeo). Programa Encontro marcado, TV Educativa, anos 1990.

Programa sobre o poeta gaúcho Mario Quintana, que fala de seus temas e traz uma entrevista com o poeta, na qual ele fala de temas como o que significa ser poeta, o “ser gaúcho”, memória, amor e poesia.

Disponível em: <<http://mod.lk/marcado>>.

ARTIGOS ↘

MACÊDO, Gabriel F. Cavalcanti de; VIEIRA, Nadja Maria. A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia. *Bakhtiniana*. São Paulo, n. 1, p. 119-136. jan./abr. 2015.

Neste ensaio, defende-se o argumento de que a configuração do conceito bakhtiniano de cronotopo, ou seja, a relação entre tempo e espaço, potencializa a obra literária como metáfora para experimentar a vida cotidiana. Cita-se o exemplo do autor-personagem do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, e a dificuldade do poeta português para negociar as posições de figura e fundo no seu pensamento.

Disponível em: <<http://mod.lk/discurs>>.

FILMES ↘

Meia-noite em Paris. (EUA, 2011) Comédia/Romance. Direção de Woody Allen. Duração: 1h40min.

Filme do diretor nova-iorquino Woody Allen ambientado na cidade de Paris. A história trata da nostalgia que o personagem Gil, um escritor inquieto e inconformado com a mediocridade de seu tempo, sente pela época de ouro da literatura e da arte dos anos 1920, com seus grandes nomes – Hemingway, Dalí etc. – que se encontravam nos cafés, bulevares e restaurantes da capital francesa.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânea de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor e professor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento

literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura que analisa a ficção e seus elementos constituintes.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo, Perspectiva, 1996. (Série Debates: Crítica)

Com base no tema da ambiguidade humana, Anatol Rosenfeld, um dos maiores críticos brasileiros, revela as conexões entre a literatura, o teatro, a poesia, o cinema e a pintura, estabelecendo painéis críticos que ainda hoje impressionam por sua originalidade e inovação.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nessa obra introdutória ao tema, Angélica Soares, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

WOOD, James. *A coisa mais próxima da vida*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Os textos desta obra de James Wood, professor da Universidade de Harvard e ensaísta na revista *The New Yorker*, buscam identificar e comentar as relações entre literatura e realidade, discorrendo sobre temas como religião, morte, exílio, detalhe, mostrando de que modo a literatura percorre todos esses âmbitos da experiência humana.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 24 nov. 2020).